

O CORPO COMO TERRITÓRIO VIVO: INTERSECCIONALIDADES EM RAÇA, GÊNERO E DEFICIÊNCIA

Igor da Silva Geremias – GEREMIAS, Igor da Silva. UGB/FERP
Karine do Nascimento Virginio – VIRGINIO, Karine do Nascimento. UGB/FERP
Daniela Vital Conceição Soares - SOARES, Daniela
Vital C. UGB/ FERP
Beatriz Gonçalves Pereira - PEREIRA, Beatriz
Goncalves. UGB/ FERP
Wagner Nery Copola – COPOLA, Wagner Nery. UGB/FERP

INTRODUÇÃO

Apesar do avanço das pesquisas, são escassas as abordagens que articulam a interseccionalidade e deficiência. É preciso deslocá-la do enquadramento biomédico para entendê-la como fenômeno, atravessado por raça e gênero, marcado por exclusão e resistência. Kilomba (2019) mostra, com a metáfora da máscara de ferro, violências que silenciam corpos negro e de pessoas com deficiência.

OBJETIVO

Analisar como os sistemas socioculturais regulam valores sobre os corpos, atravessados por raça, gênero e deficiência, evidenciando processos de exclusão e estratégias de resistência, bem como os desafios para a participação social desses sujeitos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter exploratório, dada a natureza do seu objeto de estudo, apontando uma reflexão teórico-bibliográfica fundamentada em autoras críticas como Diniz (2007), Butler (2001), Akotirene (2019), Kilomba (2019) e Hooks (2019), que possibilitam problematizar interseccionalidade e corporeidade como categorias centrais para compreender exclusões e resistências.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A interseccionalidade, evidencia como o racismo, sexismo e o capacitismo se entrelaçam nas desigualdades (Akotirene, 2019). Em diálogo com Diniz (2007),

a deficiência é entendida como fenômeno social e político, marcado por múltiplas exclusões. Assim, mulheres negras com deficiência exemplificam essa dinâmica, ao mesmo tempo em que constroem práticas de resistência. A noção de corporeidade, mostra o corpo como espaço de inscrição da violência, mas também de reexistência, assim como aponta Hooks (2019), através do olhar oposicional como gesto de contestação às representações estigmatizantes, aproximando raça e deficiência como categorias marcadas por estigmas, mas também por resistência.

CONCLUSÃO

Corpos atravessados por raça, gênero e deficiência são alvo de exclusão. Compreender o território como dimensão corporal implica reconhecê-lo também como espaço cultural e vivo, onde se inscrevem memórias e práticas que desafiam as normatividades. A análise crítica e interseccional do corpo, reforça a urgência de políticas inclusivas que valorizem a pluralidade de existências e ampliem a participação social e política desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. O que é interseccionalidade. Belo Horizonte: Jandaíra, 2019.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Louro GL, organizadora. *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2001. p. 151–72.
- DINIZ, D. O que é deficiência. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- HOOKS, W. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.